**Os tempos de assimilação e a demanda por eficiência: o emaranhado do trabalhador contemporâneo**

**The time for assimilation and the efficiency demand: the labyrinth of the contemporary worker**

DOI:10.34117/bjdv7n10-312

Recebimento dos originais: 07/09/2021

Aceitação para publicação: 22/10/2021

**Clara Lívia Salles de Carvalho**

Mestranda em Desenvolvimento Humano – UNITAU - Universidade de Taubaté

R. Quatro de Março, 432 – Centro - Taubaté – SP

E-mail: claraliviac@gmail.com

**Dra. Débora Inácia Ribeiro**

Professora do Desenvolvimento Humano – UNITAU - Universidade de Taubaté

E-mail: deborari@hotmail.com

**RESUMO**

O tempo. Um dos raros recursos que a base da pirâmide social possui gratuitamente. Para Marx, este é o campo do desenvolvimento humano e o capitalismo corrói. O objetivo deste trabalho é apresentar o contraste entre duas teorias de desenvolvimento humano no que diz respeito a valorização do tempo: a teoria piagetiana, sobre o desenvolvimento cognitivo para construção de conhecimento, e a teoria do desenvolvimento econômico capitalista. Para Piaget, a duração adequada em cada etapa do desenvolvimento cognitivo é fundamental para o desenvolvimento e equilíbrio mental dos indivíduos. Entretanto, o desenvolvimento capitalista, na ânsia por ampliar a atuação do capital, busca otimização de todos os recursos, incluindo o tempo do trabalhador. Na busca por sobrevivência, este processo gera sofrimento.

**Palavras-chave:** Tempo, Saúde Mental, Desenvolvimento Humano.

**ABSTRACT**

The Time. One of the scarce resources that the social pyramid base has for free. According to Marx, time is the human development field and capitalism erodes it. The objective of this work is to present the contrast of two human development theories related to time value: the Piaget theory on cognitive development and knowledge construction, and the economic theory of capitalism development. For Piaget, the adequate duration in each stage of cognitive development is crucial for the mental development and balance of individuals. However, the capitalist development, aiming to expand capital, searches for all resources optimization, including labor time. In the battle for survival, this process leads to suffering.

**Key-words:** Time, Mental Health, Human Development.

**1 INTRODUÇÃO**

Para Piaget, o desenvolvimento mental se dá por meio da adaptação do ser humano ao meio. A adaptação possui dois processos complementares: a assimilação e a acomodação. A assimilação é a incorporação de um objeto ou acontecimento novo num esquema sensório-motor ou conceitual do indivíduo. Já a acomodação envolve reorganização interna dos processos mentais para se ajustar aos novos dados assimilados. (CAVICCHIA, 2017)

Esses processos estão normalmente em equilíbrio no sujeito, resultando num sistema estável de progressiva assimilação e acomodação. A perturbação deste equilíbrio gera conflitos, perturbações a partir das quais se criam construções compensatórias buscando um novo equilíbrio, melhor que o anterior. (CAVICCHIA, 2017)

Esses mecanismos de equilibração (ou auto-regulação), proporcionam um alargamento do conhecimento como numa espiral. É na equilibração que o desenvolvimento acontece, já que o estado de desequilíbrio gerado por uma informação nova no esquema mental infantil não é prazeroso. (CONHECIMENTOS, 2020)

Destaca-se aqui o papel do tempo para desenvolvimento cognitivo e equilíbrio mental do indivíduo desde a primeira infância.

De outro lado, segundo Bonente (2014), as teorias do desenvolvimento econômico entendem desenvolvimento como trânsito do “pior ao melhor”, seguindo a lógica do capital. Para Marx, o trânsito de um estágio baixo de desenvolvimento capitalista para o alto significa a predominância mais ampla da lógica capitalista na existência social. Nessa perspectiva, o capital é tanto mais desenvolvido, quanto mais ampla a sua atuação. (BONENTE, 2014)

Na busca por ampliar a atuação do capital, a busca por eficiência e otimização dos recursos é uma constante. Incluindo o tempo. E este é o único recurso que os que estão no fundo da sociedade têm de graça.(SENNET, 2009)

O mesmo recurso, tão necessário para o desenvolvimento humano, equilíbrio e saúde dos indivíduos, é ofertado pelos trabalhados aos capitalistas em troca de emprego e renda para sobrevivência.

Segundo Marx (1847, apud Osborne, 2008, p. 17), com a subordinação da humanidade pela máquina, o valor da vida de um homem passa a ser medido pela produtividade relativa (produção realizada num determinado tempo). No capitalismo “tempo é tudo, homem é nada; é no máximo a encarnação do tempo”:

Through the subordination of humanity to the machine the situation arises in which men [and women] are effaced by their labour; in which the pendulum of the clock has become as accurate a measure of the relative activity of two workers as it is of the speed of two locomotives. Therefore, we should not say that one man’s hour is worth another man’s hour, but rather that one man during one hour is worth as much as another man during an hour. Time is everything, man is nothing; he is at the most the incarnation of time. Quality no longer matters. Quantity alone decides everything: hour for hour, day for day…(OSBORNE, 2008, p. 17)

Este trabalho procura apresentar o emaranhado em que vive o trabalhador contemporâneo na gestão do tempo de vida, a luz das teorias de Piaget e Marx.

1.1 OS TEMPOS DE ASSIMILAÇÃO DE PIAGET

A teoria de Piaget é uma das mais relevantes do século XX no campo da Psicologia do Desenvolvimento. Para ele, “o conhecimento é fruto das trocas entre o organismo e o meio. Essas trocas são responsáveis pela construção da própria capacidade de conhecer”. (CAVICCHIA, 2017, p.2)

Nessa abordagem teórica, o desenvolvimento cognitivo infantil se dá em etapas de maneira sucessiva e não apenas cronológica. Segundo Cavicchia (2017), para caracterizar os estágios de desenvolvimento, Piaget propõe algumas exigências básicas:

1º) todo estádio tem de ser integrador, ou seja, estruturas elaboradas em determinada etapa devem tornar-se parte integrante das estruturas das etapas seguintes;

2º) um estádio corresponde a uma estrutura de conjunto que se caracteriza por suas leis de totalidade e não pela justaposição de propriedades estranhas umas as outras;

3º) um estádio compreende, ao mesmo tempo, um nível de preparação e um nível de acabamento;

4º) é preciso distinguir, em uma sequência de estádios, o processo de formação ou gênese e as formas de equilíbrio final.

A partir desses critérios, Piaget constrói quatro etapas de desenvolvimento cognitivo da criança (MCLEOD, 2018; CAVICCHIA, 2017, p. 3):

1. Sensório-motora (de 0 a 2 anos) – a maior conquista desta etapa é entender que um objeto existe , ainda que não seja visto. Requer habilidade de formar representações mentais dos objetos – chamados “esquemas”.
2. Pré-Operacional (de 2 a 7 anos) – a criança começa a pensar simbolicamente. A linguagem, imitação, desenho são meios de expressão dessa função simbólica. Nessa etapa o pensamento ainda é egocêntrico, a criança tem dificuldade de ver o ponto de vista do outro.
3. Operacional (de 7 a 12 anos) – é o início do pensamento lógico. Nessa fase a criança consegue trabalhar internamente em sua cabeça sem a necessidade de ver fisicamente no mundo real. Consegue “conservar” medidas, números, massa, peso, entendendo que há coisas que podem ter a mesma quantidade mesmo que a aparência seja diferente, por exemplo.
4. Formal (a partir de 12 anos) – nessa fase existe pensamento sobre conceitos abstratos, formação de hipóteses e testes lógicos sem a necessidade de observações reais.

Essas etapas ocorrem num movimento sucessivo em que cada fase gera um patamar de equilíbrio constituindo-se em “degraus” rumo ao equilíbrio final. (CAVICCHIA, 2017)

Essa dinâmica toda ocorre através da adaptação do ser humano ao meio a partir de dois processos (MCLEOD, 2018, p.6 ):

* Assimilação – uso de um esquema existente para lidar com uma nova situação,
* Acomodação – quando o esquema existente não é suficiente e é necessário alterá-lo para lidar com uma situação nova.

Esses processos estão normalmente em equilíbrio no sujeito. A perturbação do equilíbrio gera uma construção compensatória na busca de novo equilíbrio, melhor que o anterior.

A equilibração é a força motriz do desenvolvimento, uma vez que o desequilíbrio gera insatisfação e busca por “correção” ou “acomodação” (MCLEOD, 2018).

Figura 1. Processo de Adaptação de Piaget



Fonte: (MCLEOD, 2018, p. 6)

Os mecanismos sucessivos de equilibração (ou auto-regulação), proporcionam um alargamento do conhecimento como numa espiral (CONHECIMENTOS, 2020).

Figura 2. Espiral do desenvolvimento cognitivo



Observa-se aqui uma sequência necessária, que requer duração adequada para construção de competências cognitivas, sendo que cada etapa resulta da anterior e prepara para a seguinte (CAVICCHIA, 2017).

É necessário tempo de processamento para gerar desenvolvimento humano, para que assimilação, acomodação e equilibração ocorram em cada etapa da vida e, portanto, os conhecimentos sejam incorporados ao indivíduo e o mesmo se desenvolva mentalmente.

1.2 A DEMANDA POR EFICIÊNCIA DO CAPITAL E O TEMPO

Segundo Bonente (2014) as teorias econômicas do desenvolvimento são unicamente teorias do desenvolvimento capitalista. Exceto por Marx, não se apresentam teorias do desenvolvimento econômico e social fora da realidade capitalista.

De maneira geral, desenvolvimento é entendido como trânsito do “pior ao melhor”, sendo visto como algo bom e, sua ausência, como algo ruim. No entanto, julgar se algo é bom ou ruim, pior ou melhor, exige analisar as condições passadas, presentes e futuras sob determinados critérios. Os critérios utilizados pelas teorias econômicas de desenvolvimento seguem apenas a lógica do capital – renda per capita, produção, escolaridade, etc. (BONENTE, 2014)

Bonente (2014) mostra que não há sentido humano no capitalismo, existem apenas processos mais ou menos adequado à lógica interna do capital. Uma sociedade é tanto mais desenvolvida, quanto mais ampla a atuação do capital. (BONENTE, 2014)

Não tendo sentido humano, no capitalismo o trabalho vivo das pessoas é “reduzido” a força de trabalho como mercadoria. (VIZZACCARO AMARAL; PESTANA MOTA; ALVES, 2011)

O tempo do trabalhador não é mais seu, mas pertence a pessoa que o compra. Quando um empregado não está trabalhando, está roubando o empregador que o paga. De acordo com essa lógica moral, a ociosidade além de perigosa é um roubo – dada a forma de poder imposta pelo sistema (GRAEBER, 2018).

Ao final do século XVII, início da revolução industrial, o tempo passou a ser visto como propriedade finita que deveria ser gasta e administrada com muito cuidado, igual ao dinheiro. E as novas tecnologias da época permitiram dividir o tempo livre de qualquer pessoa em unidades uniformes que se podia comprar e vender por dinheiro. Daí surgiram as expressões “gastar”, “ganhar” ou “perder” tempo e não “passar tempo” (GRAEBER, 2018).

Segundo Marx, o valor da vida de um homem passa a ser medido por sua produtividade relativa: “tempo é tudo, homem é nada; é no máximo a encarnação do tempo” (MARX, 1847 apud Osborne, 2008, p. 17).

Interessante lembrar que o trabalho é atividade vital, parte da evolução civilizatória do ser humano. Segundo Alves (2011), o homem é um animal que se fez homem através do “trabalho vivo”. No entanto, o sistema “reduz” do tempo de vida ao tempo de trabalho.

Essa redução é chave no processo de desenvolvimento (capitalista).

Mais recentemente, o controle do tempo do trabalhador recebe uma nova roupagem – através da flexibilidade. Esta surge como repulsa à rotina burocrática do trabalho repetitivo. O conceito de flexibilidade está relacionada ao comportamento humano flexível, adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas.(SENNET, 2009)

Segundo Sennet (2009), John Stuart Mill via o comportamento flexível do trabalhador como caminho para a liberdade pessoal – o ser humano seria livre porque é capaz de mudança.

A flexibilidade sugere a morte da rotina, apontando esta como um dos males da vida e saúde no trabalho. Mas, será que uma vida repleta de impulsos momentâneos, ações de curto prazo, sem rotinas sustentáveis e vida sem hábitos constitui uma existência racional saudável? (SENNET, 2009)

Sennet (2009) mostra que, ao invés de libertar como propusera Mill, a busca da flexibilidade produziu novas estruturas de poder e controle, para manter ou ampliar a colonização do tempo do trabalhador.

Para Alves (2011), este novo metabolismo social do trabalho perpetua a “colonização” do tempo de vida pelo sistema e gera uma série de fragilidades e crises:

* Crise da vida pessoal – como não há tempo para o desenvolvimento humano, o trabalhador só se sente humano em suas funções animais (comer, beber, procriar, adornar) e em suas funções humanas (trabalho, relações sociais) se sente um animal.
* Crise de sociabilidade – o trabalho flexível, ao disseminar insegurança de contratos de trabalho, cria obstáculos aos espaços de interação social para partilhas de experiências coletivas, reconhecimento do outro enquanto relação social, destruindo os coletivos de trabalho. O mercado é tão mutável, que só se planeja a curto e curtíssimo prazo; perde-se a noção de compromisso e lealdade com a empresa, colegas de trabalho, refletindo na personalidade humana (SENNET, 2009).
* Crise de autorreferência pessoal – com a intensa manipulação da subjetividade humana (que é apenas força de trabalho como mercadoria) pelo capital e o medo ou ameaça com a demissão de sua força, há uma corrosão da autoestima do trabalhador. Há uma despersonificação (conformismo da massa, sentimento de mais uma “ovelha no rebanho”), deixa o homem de escolher um mundo de possibilidades, passando a viver nas propriedades que o mundo lhe atribui. Aliena sua individualidade pessoal e sua individualidade de classe.

1.3 UMA ESQUIZOFRENIA NA DEMANDA POR EFICIÊNCIA E PRODUTIVIDADE

Será que o capitalismo é realmente eficiente no uso do tempo do trabalhador?

No ano de 1930, John Maynard Keynes previu que ao final do século XX a tecnologia teria avançado tanto, que seria possível ter jornadas de trabalho de 15 horas semanais onde o capitalismo estivesse mais avançado (GRAEBER, 2018).

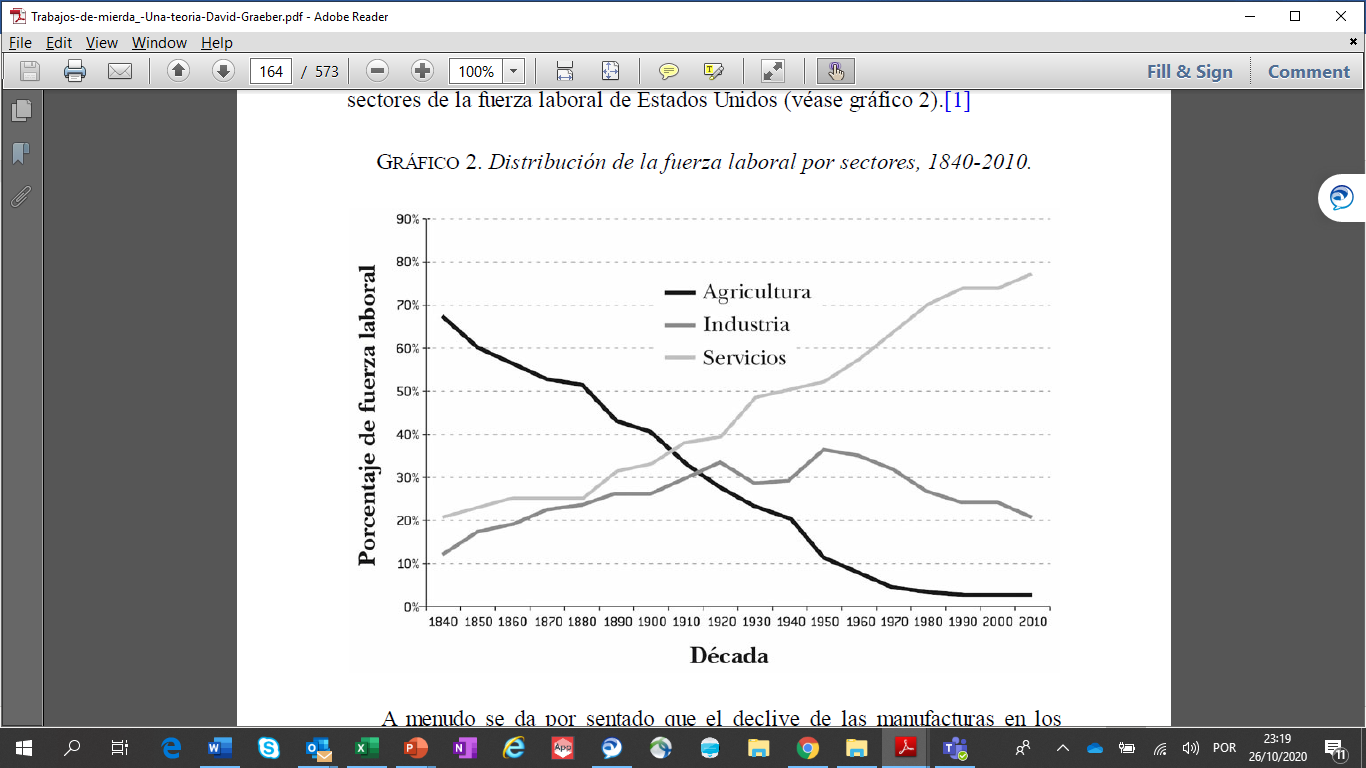
Graeber (2018) reflete sobre os motivos pelos quais essa profecia não se materializou. Por que as jornadas de trabalho não foram reduzidas se a eficiência e produtividade atingiram níveis imagináveis na década de 1930?

A resposta mais habitual a essa pergunta é que, no passado, não se tinha em conta o aumento do consumismo. Entre trabalhar menos horas e ter acesso aos pequenos prazeres do consumo, preferimos a segunda opção (GRAEBER, 2018).

No entanto, uma reflexão mais aprofundada nos permite notar que não é este o motivo de continuarmos trabalhando tantas horas. Desde os anos 20 vimos surgirem uma infinidade de negócios, serviços, trabalhos, empresas que não tem a ver com produção de alimentos, sapatos, celulares ou outros pequenos prazeres de consumo.

Um estudo mostra que de 1910 a 2000, o número de trabalhadores dedicados a atividades produtivas, como agricultura e produção industrial, reduziu drasticamente, ao mesmo tempo que trabalhos administrativos, de gestão e serviços triplicaram nos EUA e Reino Unido. O mesmo fenômeno ocorreu em diversos outros países, inclusive a Índia (GRAEBER, 2018).

Figura 3. Distribuição da força de trabalho por setor (1840-2010)



Fonte: GRAEBER, 2018, p. 163

Os trabalhos produtivos foram automatizados enormemente, e houveram criações de diversos serviços financeiros, vendas a distância, administração de recursos humanos, relações públicas, entra tantos outros negócios focadas em tarefas auxiliares (auditores, assessores de investimento financeiro, líderes militares atuantes em países pacíficos, advogados corporativos, pessoas que se auto intitulam “expertos” em autoconhecimento e vendem serviços que podem até mesmo prejudicar as pessoas “clientes”, publicitários, entre outros). Estes existem somente porque os demais trabalhadores se dedicam ao resto dos trabalhos realmente produtivos e são os que Graeber chama de trabalhos de merda.

Trabalho de merda trata-se de emprego carente de sentido, desnecessário e prejudicial, de forma que nem o trabalhador é capaz de justificar sua existência, apesar de que, como parte das condições do emprego, o dito trabalhador se sinta obrigado a fingir que não é assim (GRAEBER, 2018, p. 29).

Por que isso acontece num sistema que preza pela eficiência no uso dos recursos?

Alguns dos motivos citados por Graeber (2018) são: má gestão, escasso fluxo de informação, gerentes cujo prestígio depende do número de subordinados que tem seu cargo, trabalhadores que se sujeitam a essas condições por precisarem de dinheiro, tabu cultural de não dizer que está fazendo algo diferente do que se diz estar fazendo, o fato de qualquer questionamento ao sistema ser rotulado como conspiração ou paranoia, entre outros. Não há uma razão única, mas é importante entender do ponto de vista social, por que os trabalhadores estão numa situação em que a única alternativa é aceitar um trabalho sem sentido?

Valor social é algo difícil de medir e depende fundamentalmente da opinião das pessoas. Sendo assim, a conclusão de Graeber em relação a falta de sentido no trabalho é suportada por uma pesquisa feita com diversos trabalhadores. Tal pesquisa mostra que aproximadamente 40% dos trabalhadores julgam que seus trabalhos não possuem razões sólidas para existir (GRAEBER, 2018).

O que aponta para o fato de sermos uma sociedade baseada no trabalho e si mesmo e não no trabalho produtivo. Chegamos a acreditar que homens e mulheres que não se esforçam duramente são más pessoas, indignas de receber amor, assistência, atenção por parte da sociedade. É como se tivéssemos dado um consentimento coletivo para nossa própria escravidão (GRAEBER, 2018).

Essa mesma pesquisa mostra que trabalhadores que atuam em atividades manuais ou produtivas (motoristas de ônibus, faxineiros, enfermeiros, professores e tantos outros), apesar de não serem reconhecidos com prestígio e salário, responderam a pesquisa dizendo que seu trabalho contribui significativamente para o mundo e é extremamente necessário (GRAEBER, 2018).

Sendo assim, além do mal uso do tempo empregado no trabalho, identifica-se dois tipos de opressão aos trabalhadores:

1. Os que fazem atividades manuais ou produtivas trabalham duro, são objeto de humilhações e mal pagos, porém sabem que estão fazendo algo útil;
2. Os que atuam em trabalhos de merda tem prestígio social, são respeitados como profissionais, bem pagos, porém internamente não veem sentido no que fazem, são conscientes de que em realidade tudo se baseia numa mentira.

Segundo Frankl, algumas neuroses e desordens angustiantes de ansiedade tem raíz na incapacidade de encontrar um significado e um sentido de responsabilidade em sua existência (FRANKL, 1984).

O sentimento de falta de sentido não é em si uma patologia. Segundo Frankl (1984), é a prova da humanidade da pessoa. No entanto, embora não seja causado por nada patológico, este sentimento pode causar uma reação patológica, como a síndrome neurótica de massa presente na jovem geração. Há amplas evidências de que depressão, agressão e dependência a drogas se devem ao “vazio existencial” ou falta de sentido (FRANKL, 1984).

...o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa, e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por esse sentido. A vida como a entendemos aqui não é nada vago, mas sempre algo concreto, de modo que também as exigências que a vida nos faz sempre são concretas (FRANKL, 1984, p. 47).

Mas, por que é um problema ter um trabalho inútil se é bem pago?

O princípio da teoria econômica diz que, os seres humanos tomam decisões analisando custos e benefícios. E que os sujeitos buscam ter o máximo de benefício ao menor custo ou esforço (GRAEBER, 2018).

A maior parte dos discursos gerais sobre trabalho se baseiam nesse conceito econômico. Este pressuposto assume que se oferecer ao ser humano a oportunidade de ser um parasita, ele aceitará sem questionar. Entretanto, existem várias provas empíricas de que o ser humano não funciona dessa maneira. Alguns exemplos são: 1) trabalhadores que ganharam na loteria poucas vezes deixam seus trabalhos, e os que deixaram se arrependeram; 2) presidiários consideram como o pior castigo ser privado de passar roupas, cozinhar ou limpar e ser condenado ao tédio de ficar dias sem fazer nada útil para o grupo – até criminosos pensam que é pior a perspectiva de ficar sentado sem fazer nada; entre outros exemplos (GRAEBER, 2018).

A teoria de Groos (apud GRAEBER, 2018, p. 102-103), diz que o que motiva a chamada “vontade de poder” do homem não é o desejo intrínseco de conquista e dominação para ter acesso a fontes de gratificação física, segurança e reprodução. É sim algo mais simples: as crianças compreendem que existem, que são entidades únicas e diferenciadas no mundo, quando se dão conta de que “eles” são a “causa” de algo que aconteceu, e a prova é que podem repetir a ação e fazer com que aconteça novamente. O “prazer de ser a causa” é a base implícita do nosso ser. Quando esse prazer não é permitido, tal experiência traumática gera problemas de saúde mental ao longo da vida (GRAEBER, 2018, p. 103).

Dessa forma, ter um trabalho inútil, em que se precisa fingir que está fazendo algo útil, pode ter efeitos devastadores. Não é apenas um ataque direto ao ego da pessoa, mas também a própria estrutura que sustenta a existência do indivíduo. Um ser humano incapaz de ter um impacto significativo no mundo, deixa de existir (GRAEBER, 2018, p. 103).

De outro lado, trabalhos úteis, porém extenuantes, como dos profissionais de saúde em tempos de pandemia, onde a urgência impera e não há tempo de repouso, também tem se apresentado como deterioradores de saúde mental, colocando em risco a vida dos trabalhadores desta área, não apenas pelo risco de contaminação, mas majoritariamente pelos transtornos mentais adquiridos (RIBEIRO, 2021).

**2 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Piaget aponta o tempo e a duração das etapas como primordial para o desenvolvimento da criança. Marx define o tempo como “o campo de desenvolvimento humano”. De modo que, a redução da pessoa humana à mera força de trabalho, reduz ou corrói o campo de desenvolvimento humano-genérico. (VIZZACCARO AMARAL; PESTANA MOTA; ALVES, 2011)

Sennet e Graeber mostram novos processos de opressão ao trabalhador atual, mediante o discurso da flexibilidade e a criação de postos de trabalho sem sentido.

Dado que desenvolvimento econômico segue a lógica do capital, sem sentido humano; e que a evolução das condições de vida e saúde dos trabalhadores se desenvolveram através de lutas e reivindicações operárias ao longo do tempo, faz-se necessário buscar alternativas educativas e instrumentalizadoras que permitam o desenvolvimento de habilidades para transformação dessa realidade opressora. (DEJOURS, 1990)

A emancipação é importante para a análise dos problemas de perda de sentido, de perturbações nas identidades coletivas, de crises de legitimidade das normas sociais, de patologias sociais (ALMEIDA, 2017, p. 2).

Para tanto, é primordial a educação não-formal coletiva, envolvendo não apenas saberes técnicos, mas também direitos dos cidadãos, análises de conjuntura a partir de uma visão crítica, partilha de experiências em espaços coletivos. Para que se possa desenvolver uma consciência realista. (BRISOLA, E. M. A; RIBEIRO, S. L. S.; SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020)

Para Marx, a história humana é uma sucessão de modos de produção, cujo fim, ou estágio último, seria o comunismo (BONENTE, 2014). Enquanto o fim não chega, o sistema nos convida a nos instrumentalizar, criar nossos espaços de resistência individuais e coletivos, buscar educar e ser educado compartilhando experiências e apoio.

**REFERÊNCIAS**

BONENTE, B. I. **Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista**. Marx e o Marxismo, v. 2, n. 3, p. 274–286, 2014.

BRISOLA, E. M. A; RIBEIRO, S. L. S.; SEBASTIÁN-HEREDERO, E. **Educadores, Tecnologias e Inovações Sociais: Educação na Diversidade para a Construção de Cidadania.** Humanidades e Inovação, v. 8, n. 5, p. 18–31, 2020.

CAVICCHIA, D. D. C. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida.** Desenvolvimento da Criança: Família, Escola e Saúde, p. 1–14, 2017.

CONHECIMENTOS, T. DE. Jean Piaget (1896-1980) **Teoria: construtivismo** (Epistemologia Genética). Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~edla.ramos/infoedu/Lages/piaget.html>.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 10, n. 1, p. 39–39, 1990.

MCLEOD, S. **Piaget’s Theory of Cognitive Development.** Simply Psychology, n. 1936, p. 16–65, 2018.

SENNET, R. **A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14a. ed. Rio de Janeiro: 2009, 2009.

VIZZACCARO AMARAL, A.; PESTANA MOTA, D.; ALVES, G. **Trabalho E Saúde: a Precarização Do Trabalho E a Saúde Do Trabalhador No Século XXI**. São Paulo: LTr, 2011.

GRAEBER, D. **Trabajos de Mierda**. Ed. Planeta. Barcelona: 2018.

ALMEIDA, J. A. M. (2017). **Identidade e emancipação**. Psicologia & Sociedade, 29, e170998. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil. Disponível em:<<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100403&lng=pt&tlng=pt> **>**

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Cia das Letras. São Paulo: 1998. Disponível em: <<http://www.repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/1200/1/TEMPO%2C%20DISCIPLINA%20DE%20TRABALHO%20E%20CAPITALISMO%20INDUSTRIAL.%20Costumes%20em%20comum.%20THOMPSON%2C%20E.%20P.%202005.pdf>>.

RIBEIRO, A. C. B. et al. **Saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia de Coronavírus e seu reflexo nos processos terapêuticos: uma revisão narrativa de literatura**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 6, p. 61899–61908, 2021.